

Através de «O Delfim»

por Alexandre Pinheiro Torres



POR QUE MOTIVO não haveria Cardoso Pires de abraçar o tempo histórico com a lagartixa que, no muro secular do Largo da Gafeira, é perfeitamente emblemática de um mundo onde o tempo é, afinal, escamoteado? Sim: porque já era mais que chegado o momento em que se equacionasse um espaço de ficção onde se eliminasse uma das tradicionais cordenadas cartesianas, para se falar, se me dão licença, nos termos matemáticos da Geometria Analítica que o filósofo de «Discours de la Méthode» inventou.

Em «O Delfim» há mesmo um bestiário desta intemporalidade. E com que goza José Cardoso Pires nos vai abrindo alíneas, com os

requisites do expert em Museologia, descrevendo a fauna que não muda, como a que sobrevoa a Lagoa da Gafeira e que o terrateniente que é Palma Bravo (O Engenheiro=O Delfim) contempla com o olhar protector de quem está habituado a ter o lar ou seu habitat povoado de animais domésticos, que acaricia ou suplicia conforme as garrafas de Whisky que engole lhe alteram ou não os humores.

UM CARGO, UM TERRITÓRIO...

«O Delfim» começa pela descrição de um Largo. Um Largo que já está morto. Não é o Largo que Manuel da Fonseca descreve no início de «O Fogo e as Cin-

zas», ao qual o tempo histórico foi retirando, a pouco e pouco, como uma sanguessuga, a vida.

No livro de Manuel da Fonseca nós sabemos por que motivo o Largo entra em decadência. Se houve uma época em que ele era o centro da Vila, e em que os homens bons ou fortes dele faziam o seu Forum, o início, para aquela zona, da era da industrialização, e, muito particularmente, a chegada do caminho-de-ferro, liquidaram-no, e a paisagem humana alterou-se. As gentes mudaram-se para o termo da estação, e as mulheres saindo das tocas das casas, começando a pintar a boca, deram a primeira grande machadada no patriarcalismo.

Cardoso Pires vai ao cadáver de um Largo deste tipo e analisa que espécie de vida ainda lhe ficou, não na belle époque das primeiras locomotivas, mas naquele tempo, em que, ao lado da lagartixa que desde os Romanos se imobiliza no muro, aparecem outros objectos e outros animais: um «Jaguar» 4 litros, e dois lobos-d'alsácia. Então, se assim é, como podemos falar em termos do tempo escamoteado? Se há «Jaguars» 4 litros, num fundo de ruínas romanas, o tempo passou mesmo. Claro que passou mesmo. E que o tempo passa mesmo, não sabemos se como diz Newton, ou como diz Berg-

son, ou se como diz Einstein que, mais arteiramente o associou ao espaço despromovendo-o da importância que Kant, com muito respeito a Newton, lhe atribuiu. Embrulhem-no como quiserem, façam em ficção o que dele fizeram ou Joyce, ou Huxley, ou Robbe-Grillet, à quadriga sucedeu a liteira ou a carruagem, e a esta a máquina a vapor, e depois o automóvel e o avião a jacto, etc. Não são estes os objectos da temporalidade?

A questão é que Cardoso Pires vai à Gafeira e como que nos diz: «De acordo, amigo. O pior, ou o melhor, é que o «Jaguar» não alterou a Geografia Humana, por estas áreas». E eu, leitor do seu livro, e, ao mesmo tempo, do tratado de Amorim Girão, com a memória, ainda fresca dos seus tempos de estudante, das fotografias que lhe ilustravam o calhamaço, sabedor, pois, de como a matreirice do Homem, é capaz de fazer das Gafeiras tudo aquilo que lhe der na gana, respondendo: «Você, tem razão. A Lagoa da Gafeira é pertença do nosso amigo Delfim, a Gafeira é como São Romão do «Anjo Ancoado», que você, no seu novo romance, não se esquece de citar; a Gafeira é um São Romão com dono, e enquanto tiver esse dono não são os noventa e oito machos que vivem por aquelas áreas que vão po-

der ir para lá caçar patos quando lhes der na gana».

OBJECTOS E FORMAS

Então, digo para mim próprio: «o que Cardoso Pires faz é descrever um espaço geográfico onde não se pode falar de Geografia Humana. Como esta é uma ciência que vive largamente das fotografias tiradas de avião, a duzentos ou trezentos metros de altitude, o «Jaguar» 4 litros é capaz de desaparecer no negativo, quanto mais os dois lobos-d'alsácia!» E, ao dizer isto, nem reparo, ou faço de conta que não reparo, que são simultaneamente alguns objectos e alguns animais as articulações sem as quais o novo romance de José Cardoso Pires não faria qualquer sentido. É verdade. O sentido é que mesmo com esses objectos (incluindo neles o «Jaguar») ou com esses animais (incluindo os dois cães) a Gafeira oferece o «facies» da ocupação romana e está ainda de acordo com a memória história que dela traçou o Abade Agostinho Saraiva.

O autor chega à aldeia para caçar patos. Instala-se na pensão. E começa a tagaralice sobre o que acontecera desde o ano anterior. Imagine-se que o amigo dele, engenheiro, o senhor feudal da Gafeira, que, por certos traços, di-

riamos parente do barão de Branquinho da Fonseca, matara a mulher que por sua vez seria responsável pela morte do criado Domingos, que, como qualquer dos lobos-d'alsácia; é uma espécie de projecção do Delfim, seres humanos ou animais que, paralelamente à mitologia bíblica, dir-se-iam ter saído de uma das costelas do dono à qual houvesse sido insuflado o necessário sopro vital. Diga-se de passagem que uma das coisas que José Cardoso Pires faz de forma magistral é descrever uma grande série de coisas de tal forma que elas se apresentem como reflexos ou sintomas externos das personagens. Sem cair na tara de descritivismo pseudo-impressional do nouveau roman exhibe, pelo contrário, uma reabilitação dos objectos como sinais bastantes de caracterização da fauna humana que perpassa pelo livro. Os próprios animais, alvos de caça na Lagoa da Gafeira, se, quando começam a ser descritos, nos aparecem uniformizados por um tecnicismo de descrição que aproxima o autor do zoólogo, não deixam de nos surgir sobredesumanizados, numa oculta antropomorfização que é, certamente, um dos maiores fascínios da nova obra do autor de «Jogos de Azar».

AS RAÍZES DE UM TEMA

É certo que, em obras

anteriores, já Cardoso Pires fazia revestir determinados objectos do carácter de *distintivos* das personagens, e isto acontecia quer nos objectos possuídos quer sobretudo nos que eram alvo de perseguição. Isto é particularmente evidente no automóvel de desporto que João de «Anjo Ancorado» possui e no mero que ele persegue, *distintivos* sociais de poder e de caça, binário onde o vector *caça* é, sem dúvida, o de maior significação. Haja em vista também o que sucede em «O Hóspede de Job», particularmente no simbolismo da caça às espoletas das granadas pelas crianças que giram dentro do «Triângulo de Tiro».

Desta vez as coisas vão muito mais longe. Domingos assume todo o carácter de um objecto que o Delfim possui e que cinzela ele próprio a seu gosto, embora delegue na mulher, Maria das Mercês, algumas das tarefas mais delicadas desse trabalho de oficina. A esposa é, por sua vez, um objecto de posse segundo as boas regras pelo escritor já estabelecidas na «Cartilha do Marialva que se preza», facto que não deixa de ser importante porque não havia até agora na ficção de Cardoso Pires nenhum exemplo de tal tipo de mulher, ou seja a «Dona dos três KKK». As ligações das personagens principais deste romance

com a ideologia do marialvismo são tão claras que posso sugerir que o «Delfim» é uma ilustração do século XX de um homem do «ancien régime» que ostenta todavia alguns emblemas que só na aparência o localizam cronologicamente na nossa época: desde o título de engenheiro (e isto é já um compromisso do Marialva com a era industrial) até ao seu bestiário humano ou animal: quadrúpedes ou bipedes volantes, adornos ou satélites da lagoa, que é o seu latifúndio líquido. «O Delfim» é o mesmo que dizer, o marialvismo para além da Universidade, enquanto na «Cartilha do Marialva» talvez se pressupusesse que para além da Universidade o marialvismo não seria possível.

Uma vez que afinal é possível como Cardoso Pires o demonstra, parece-me legítimo admitir, ou partir do princípio, que o autor, conforme disse no início deste artigo, como que escamoteia o tempo, mesmo contrapondo às ruínas romanas o «Jaguar» de 4 litros, porque — eis que no-lo aponta enquanto foheia a «Memória do Abade Saraiva» — lá está a *lagartixa* imóvel no Pareão do Largo.

Porém (continuando a dar aqui uma vaga sumula da intriga), instalado o autor na pensão, ele passa a noite que antecede o dia

da abertura da caça a recordar o seu convívio do ano anterior com o engenheiro, com Maria das Mercês, e por que não com Domingos, o criado maneta, mais os lobos-d'alsácia, o «Velho de um só Dente», o «Batedor», etc.

A RECUPERAÇÃO «TEMPO-ESPAÇO»

E misturam-se as recordações do ano anterior com a realidade que, um ano depois se lhe depara. Claro, que sabedor da morte do criado e da Maria das Mercês, todas as suas recordações nos são transmitidas em função deste acontecimento futuro. Vamos dar a palavra ao escritor: «A deserção do passado revela um sentido profético no comportamento dos indivíduos que resulta de os estarmos a estudar numa trajectória histórica já conhecida» (pág. 312, nota do rodapé). E, lentamente, tudo o que pode esclarecer essas mortes nos vai sendo dado num clima de crescente «suspense».

Sabemos de infeto qual o desfecho. Mas porquê e como aconteceram as coisas? A teia não no-la emaranha naquele vício policial de labirinto de Cnosos que caracteriza vários dos exemplares mais notáveis do, com toda a apa-

Através de «O Delfim»

(Continuação da 5.ª página)

rência, já ultrapassado *nouveau roman*. (Quem se interessar por estas coisas pode ler o estudo de J. V. Alter: «C. Ollier: L'Enquête Policière», in «Revue des Lettres Modernes», n.º 94-99). A montagem é perfeita, sem a renda de bilros de «Les Gommés» de Robbe-Grillet, e o autor, nessa noite de recordações pode comentar o *real* à vontade, talvez no romance mais comentado *pelo lado de fora* que até hoje se escreveu em Portugal, o que nos leva a conceber o «Mundo da Gafeira» como um objecto que o escritor mira e remira em torno do qual se requinta com as demoras sábias de observação que devem ser a regra do bom entomólogo.

Ele está no seu quarto, viaja em torno dele, e até não precisa, como Xavier de Maistre ou Almeida Garrett de sair cá para fora para uma descrição que não sairia mais *parecida* se voltasse ao *local do crime*. Ponto máximo da ficção de Cardoso Pires, talvez o ponto máximo da ficção portuguesa dos anos 60. Por que não? Talvez porque «O Delfim» condense tudo o que de positivo a nossa ficção inventou desde que existe. Repare-se: digo *inventou*=*criou*=*elaborou* por si própria) e não *copiou*, porque de cópias ou imitações anda a nossa literatura e o nosso Leitor (Distraído ou Não) de barras tão cheias que começam a revelar alarmante sintomas de dispepsia.

ALEXANDRE P. TORRE

University of Cardiff